

# A mediação da música na construção da identidade coletiva do MST

*Apoliana Regina Groff\**

*Kátia Maheirie\*\**

Artigo

## Resumo

Este artigo trata de alguns olhares teóricos sobre movimentos sociais, com objetivo de fundamentar nossa concepção acerca do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Reflete sobre a questão da identidade coletiva como condição necessária tanto para o surgimento quanto para a manutenção de um movimento social. De forma específica, se propõe a trabalhar a música do MST como um dos elementos mediadores na constituição da identidade coletiva deste movimento. Esta discussão caminha para a possibilidade de afirmar que a experiência dos sujeitos no MST mediados pela música, pode proporcionar processos de identificação com o Movimento, com os semelhantes que estão na luta, como também, com aqueles que os diferenciam enquanto sujeitos de uma dada realidade social e política.

**Palavras-chave:** MST, música, identidade coletiva.

## Introdução

Este artigo começou a ser escrito ao final de um semestre de leituras e discussões em uma disciplina sobre movimentos sociais (MS) e sociedade civil, cursada num Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política. O interesse por esta disciplina se deu em decorrência da construção do projeto de pesquisa de mestrado em psicologia social, que teve como objetivo geral compreender a mediação da música no cotidiano do MST (GROFF, 2010).

---

\* Mestre em Psicologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina. Endereço eletrônico: poligroff@gmail.com.

\*\* Doutora em Psicologia Social. Coordenadora da Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina. Endereço eletrônico: maheirie@gmail.com.

A partir desta disciplina, realizamos, então, uma revisão bibliográfica acerca de alguns olhares teóricos, procurando refletir sobre as concepções dos “velhos” e dos novos movimentos sociais (NMS) e, ancoradas nestas concepções, objetivamos analisar o caso específico do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Neste sentido, o referencial bibliográfico acerca dos MS é muito mais amplo que aqui pudemos apontar. Este artigo trata antes de uma breve incursão na produção científica acerca do tema, visando, de forma específica, compreender o lugar da música no MST de Santa Catarina.

Portanto, ancorada às reflexões sobre a condição do MST hoje, como movimento social, está nossa experiência de pesquisa de campo realizada em contextos e eventos coletivos do MST em Santa Catarina (SC). A investigação consistiu na realização de nove entrevistas com sujeitos sem-terra, procurando abordar as mediações que as músicas engendram no cotidiano deste movimento social. O contexto e os eventos pesquisados foram o Acampamento Irmã Jandira, localizado no planalto do estado, e os eventos coletivos foram a Comemoração dos 24 anos do Movimento<sup>1</sup> em SC e o Primeiro Encontro Regional de Violeiros do MST, ambos realizados no município de Abelardo Luz.

As entrevistas foram abertas e com roteiro norteador, onde buscamos conhecer os momentos e lugares onde a música está presente, qual a relação histórica que eles têm com a música e qual o sentido que atribuem a ela. De posse destas informações, procedemos uma análise de discurso com base nas contribuições de Vygotski e Bakhtin, compreendendo que o pesquisar implica em uma relação dialógica que envolve múltiplas vozes na produção daqueles sentidos.

Como parte do resultado desta pesquisa, tecemos este artigo procurando problematizar a questão da identidade coletiva como condição necessária tanto para o surgimento quanto para manutenção dos movimentos sociais, já que entendemos que estes não surgem somente das demandas que são materiais e objetivas, mas de processos dialéticos que envolvem subjetividades/objetividades.

---

1 Quando estivermos nos referindo ao MST, a palavra Movimento estará com a primeira letra em maiúsculo.

Por fim, focamos a presença da música no MST, pois compreendemos que a relação de encontro entre os sujeitos sem-terra e a música, neste contexto, permite processos de identificação e a produção de sentidos, o que possibilita que a música se configure como um elemento mediador na construção da identidade coletiva deste movimento social.

## 1. O movimento entre o velho e o novo: o caso do MST

Define-se como movimento social um coletivo organizado que possui uma identidade econômica, social ou cultural, um adversário e um projeto de transformação social (TOURAINÉ, 2006). Para este autor, só existe movimento social se existir ações coletivas por parte deste movimento. Distingue-se, então, movimento social de ação coletiva, esclarecendo que não se pode aplicar a noção de movimento social a qualquer tipo de ação coletiva, conflito ou iniciativa política, mas sim, “reservar a idéia de movimento social a uma ação coletiva que coloca em causa um modo de dominação social generalizada<sup>2</sup>” (TOURAINÉ, 2006, p.18).

As definições de Touraine estão ancoradas principalmente na noção dos movimentos sociais, característicos da sociedade industrial do século XX. No entanto, ao questionar se ainda devemos utilizar o conceito de movimento social no contexto contemporâneo, ou seja, na sociedade dita “pós-industrial, da informação ou da comunicação”, o autor afirma que,

[...] ainda que seja, provavelmente, mais fecundo partir da hipótese de que os movimentos sociais propriamente ditos desapareceram e foram substituídos, de um lado, por puros movimentos históricos e, de outro, por movimentos culturais e sociais, parece-me indispensável recusar essa conclusão perigosa e manter todos os mecanismos intermediários, ainda que fracos, que impeçam uma completa separação entre movimentos sociais propriamente ditos

2 “Entendo que uma relação social de dominação só pode suscitar uma ação que mereça o nome de movimento social se atuar sobre o conjunto dos principais aspectos da vida social, ultrapassando as condições de produção em um setor, de comércio ou de troca ou, ainda, a influência exercida sobre sistemas de informação e de educação” (TOURAINÉ, 2006, p.18 e 19).

e movimentos nascidos da gestão dos processos de transformação histórica (TOURAINÉ, 2006, p.27 e 28).

Os movimentos nascidos dos processos de transformação histórica, ou seja, os chamados novos movimentos sociais (NMS), ganharam ênfase nos estudos sociológicos na década de 80. Santos (2001) esclarece que estes movimentos surgem de transformações históricas das sociedades onde são definidas lutas específicas que buscam agora a transformação do cotidiano, aqui e agora e não em um futuro distante, diferentemente das lutas mais generalizadas que marcavam os velhos movimentos sociais no processo histórico da sociedade industrial.

Maheirie (1997) articula essas concepções dizendo que “a utopia não deixa de existir, mas passa a ser vivida desde já, na práxis cotidiana, e desde o plano individual, tomando a forma de NMS, reestruturando de certa maneira o contexto mais amplo” (p.165). Assim, seriam necessárias no contexto contemporâneo, estratégias políticas dialéticas para os movimentos no que tange a busca por transformações no âmbito mais generalizado da sociedade (TOURAINÉ, 2006) e transformações específicas no cotidiano dos sujeitos (SANTOS, 2001).

Segundo Machado (2007), atualmente observa-se mudanças nas características dos movimentos sociais, face às novas tecnologias de informação e comunicação, sendo que as demandas dos movimentos sociais são variadas, pois atendem cada vez mais as peculiaridades dos contextos sociais, históricos e culturais. Destacam-se no estudo do autor os aspectos das mudanças nas estratégias dos movimentos sociais que agora buscam compartilhar e ligar identidades, objetivos, ideologias e visões de mundo.

Segundo o mesmo autor, os movimentos sociais também têm como características novas, a “multiplicidade de identidades e circulação de militantes”. Essas características tratam da circulação dos militantes nas redes de movimentos<sup>3</sup> e da possibilidade dos sujeitos estarem comprometidos com várias causas e atores cole-

---

3 Sobre redes de movimentos sociais vide Scherer-Warren (2002, 2005, 2006, 2008).

tivos, conectados por questões identitárias (MACHADO, 2007). A articulação dos movimentos e atores políticos em rede, característica contemporânea de organização dos movimentos sociais pressupõe então, “a identificação de sujeitos coletivos em torno de valores, objetivos ou projetos em comum, os quais definem os atores ou situações sistêmicas antagônicas que devem ser combatidas e transformadas” (SCHERER-WARREN, 2006, p. 5).

Machado (2007) fala ainda sobre o erro da teoria marxista da ação social quando esta enfoca sua análise baseando-se nas estruturas sociais de classe e, por conseqüência, trata pouco das questões de identidade, valores e dos mecanismos e dinâmicas do sistema político. Entendemos que não se trata de um “erro”, já que tal teoria possui sua contextualização histórica e social e que é preciso problematizá-la diante da atual conjuntura política, compreendendo que suas contribuições ainda são importantes para a leitura do mundo capitalista em que vivemos, mas também, que ela possui limites a serem superados, visando a complexificação das análises sobre as realidades atuais.

Neste sentido, a análise feita por Santos (2001)<sup>4</sup> sobre os novos movimentos sociais, é que a novidade destes, está tanto na crítica a regulação capitalista quanto na crítica a emancipação socialista defendida pelo marxismo. Na opinião do autor, os NMS denunciam com uma radicalidade sem precedentes as formas de opressão do capitalismo, pois tais opressões alcançam não somente o modo como se trabalha e se produz, mas também o modo como se descansa e se vive. Ou seja, o modo de produção capitalista que por meio da exploração do trabalho humano produz mais valia, tornou possível que a mesma lógica fosse difundida em todos os setores da vida social, pois a mais valia, segundo Santos, pode ser sexual, étnica, religiosa, geracional, política, cultural.

O cotidiano se torna, nesta perspectiva, o palco de relações concretas de opressão e controle, pois é também o lugar onde a vida acontece em todas as suas dimensões. Lugar onde se pode viver e reproduzir de maneira naturalizada todas as “mais valias”

4 Tradução livre para o português.

possíveis ou refratar essas realidades de modo a transformar essas relações. É no cotidiano, então, que os sujeitos produzem e (re) criam o mundo, na mesma medida em que são produzidos e (re) criados por ele. Segundo Maheirie (2003),

ao constituir-se num determinado sujeito, o homem interioriza significações (com valores, idéias) e a própria ideologia presente nesta, num movimento denominado de subjetivação. E ainda, exterioriza-se, de uma forma peculiar, num movimento denominado de objetivação. Portanto, se sujeito é ser, ao mesmo tempo, subjetividade e objetividade, é ser objetividade que se subjetiva, subjetividade que se objetiva, constantemente (p. 63 e 64).

Desta forma, ao falar de movimentos seja na concepção dos “velhos” ou dos “novos”, fala-se de relações entre sujeitos e coletivos que se constituem dialeticamente, formando laços, identidades, valores, idéias, etc. Trata-se também, de uma sociedade que não é una, mas diversificada em sua geografia, cultura, economia e nas suas experiências históricas de organização e mobilização social e política. Acerca disso, Santos (2001) fala que não é por acaso que os NMS se destacam na América Latina em relação ao resto dos países periféricos e semiperiféricos. Destacam-se, pois, os países onde foram e ainda são fortes os velhos movimentos sociais, tendem a ser os mesmos onde são fortes os NMS.

Um exemplo de organização na América Latina que possibilita uma ampliação da noção dos “velhos” e “novos” movimentos sociais é o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Este Movimento possui 26 anos de existência e uma história que pode ser contada desde o fim da década de 70, onde se entrelaçaram alguns fatores da realidade econômica e política do país num contexto de surgimento marcado, principalmente, pela presença das Comunidades Eclesiais de Base (CEB's), da Comissão Pastoral da Terra (CPT) e igreja católica, dos sindicatos rurais e dos movimentos de luta pela redemocratização do país (CALDART, 2004). Os principais mediadores do Movimento estavam representados por duas correntes de pensamento: a teologia da libertação, presente nos discursos da CPT e da igreja, e as idéias da teoria marxista-leninista, presente na formação de lideranças internas do Movimento (STRAPAZZON, 1997).

O MST se define como um movimento de massas de caráter popular e político que luta pela democratização da terra por meio da reforma agrária e por mudanças no modo de produção da vida. Busca, ainda, acabar com os latifúndios e com o acúmulo do capital (MORISSAWA, 2001). Contudo, Scherer-Warren (2000) conjectura que o objetivo material imediato para o MST, ou seja, a terra, não é suficiente para concretização do projeto de sociedade que o Movimento deseja. É neste sentido que o Movimento inclui outras lutas sociais em busca do projeto de uma sociedade socialista, como por exemplo, o combate à violência sexista, a democratização da comunicação, a defesa da saúde pública, defesa da educação pública gratuita e de qualidade, defesa da diversidade étnica, defesa do acesso à cultura, entre outros<sup>5</sup>. Assim, a luta do MST por uma outra sociedade se complexifica, pois, segundo Scherer-Warren (2000) é um processo que precisa ser incorporado na vida cotidiana dos sujeitos.

Para Vendramini (2007), o MST se move então, entre o velho e o novo, em um movimento dinâmico e de contradições sociais, onde ele incorpora temáticas atuais em suas lutas, como a questão ecológica, a questão de gênero e outras, sem deixar de fazer a crítica ao modelo social e econômico global. Esta autora também enfatiza que as ações dos movimentos sociais estão relacionadas com questões objetivas e subjetivas, pois as lutas dos movimentos emergem em determinados contextos sociais, os quais produzem e reproduzem um estágio das forças produtivas e das relações sociais de produção.

Na mesma direção, Scherer-Warren (2008) expõe que os movimentos sociais não resultam apenas do imperativo das demandas materiais, mas também do sentido coletivo atribuído a essa demanda e da possibilidade de identificação dos sujeitos em torno dela.

O movimento resulta do sentido coletivo atribuído a essa carência e da possibilidade de identificação subjetiva em torno dela. Resulta também da subsequente transformação dos sujeitos em atores políticos, da respectiva transformação das carências em demandas, dessas demandas em pautas políticas e das pautas políticas

---

5 Linhas políticas reafirmadas no V Congresso Nacional do MST em 2007, disponíveis no endereço eletrônico <http://www.mst.org.br/node/7701>, acesso em agosto de 2010.

em ações de protestos. Além disso, para se observar o surgimento de um movimento social propriamente dito, esse deve ter a capacidade de auto-identificação coletiva em torno de conflitos, de adversários centrais a serem enfrentados e da construção de projetos e utopias de mudança (Scherer-Warren, 2008, p.510 e 511).

A autora fala, em outros termos, que não há uma relação de causa e efeito entre as demandas materiais e o nascimento de uma ação coletiva, de um movimento social ou de sujeitos em atores politicamente ativos, isso significa que a carência material não produz, por si só, movimentos sociais. Há a necessidade também de uma identidade coletiva ou política que une os sujeitos em torno de uma demanda compartilhada, ou seja, há na constituição de um movimento social processos dialéticos entre objetividades/subjetividades que possibilitam a identidade coletiva do movimento, que os levam a construir projetos coletivos e a enfrentar adversários.

Prado e Lara (2003), em estudo sobre a construção da identidade política do MST por meio da mística<sup>6</sup>, consideram que as identidades políticas são processos de criação e constituição necessários para a continuidade dos movimentos sociais e das ações coletivas. Citando Melucci, que diz que a “identidade coletiva é um processo de aprendizado o qual implica a forma e manutenção de um ator empírico unificado que poderíamos chamar de ‘movimento social’”, os autores afirmam que, além da identidade coletiva ser necessária para o surgimento de um movimento, a identificação do coletivo também é fundamental para a manutenção do movimento social (PRADO e LARA, 2003, p. 22).

Identidade, neste trabalho, deve ser compreendida como “processos de identificação em curso” (Santos, 1995), sendo, portanto, um processo de construção coletiva, aberto e inacabado, onde se unificam diferenças em torno de um projeto em comum.

---

6 Momento onde se evoca a materialização (geralmente simbólica) desse sentimento de beleza da ambientação dos encontros, nas celebrações, na animação proporcionada pelo canto, pela dança, pelas encenações de vivências que devem ser perpetuadas na memória, pelos gestos fortes, pelas homenagens solenes que se prestam a combatentes do povo; lembra os símbolos do Movimento, seus instrumentos de trabalho e de resistência, seus gritos de ordem, sua agitação, sua arte (CALDART, 2004, p. 209 e 210).



A identidade não pode ser compreendida como uma unidade, mas como unificação e movimento, como processo que envolve igualdade e diferenças, em horizontes utópicos que apontam para o que se ainda não é (SAWAIA, 1999).

Sobre a manutenção dos movimentos sociais, Prado e Lara (2003, p.22) esclarecem ainda que esta “sempre foi uma questão nodal para os militantes e estudiosos, pois normalmente o que se vê é um refluxo da participação social a partir do ganho de algumas reivindicações. No entanto, os aspectos simbólicos, ideológicos e culturais podem nos dar uma nova pista de como encontrar processos coletivos que mantém grupos e ações em movimento”, ou seja, não são somente as demandas materiais que produzem identificações e que fazem um movimento surgir e permanecer, mas, também, as construções simbólicas, ideológicas e culturais que envolvem os sujeitos nas suas práticas cotidianas.

Logo, o MST é exemplo de um movimento onde os processos de identificação passam não somente pela questão material de sujeitos sem-terra, pois mesmo quando na conquista desta, o Movimento mantém em sua base milhares de militantes. A permanência do MST nesses 26 anos enquanto um movimento social organizado e atuante possibilita a reflexão sobre alguns elementos que permitem tal realidade. Opta-se neste caso, em destacar o elemento da música, tentando apresentar sua importância enquanto mediadora na constituição da identidade coletiva do MST e sua importância nas ações coletivas e na manutenção do Movimento.

## **2. A música como mediadora da identidade coletiva do MST**

Nos anos 60, 70 e 80, vivemos um período de ditadura militar onde a música ganhou certa visibilidade, enquanto mediadora nas discussões sobre questões sociais, políticas, culturais e econômicas no país, realizando diálogos entre posições diferentes por meio das canções tanto dos movimentos musicais como das músicas dos movimentos sociais. A música se fez presente neste cenário, atingindo o plano político propriamente dito (MENEZES BASTOS, 1996).

Desta forma, Eyerman (1998)<sup>7</sup> fala que a arte e a música podem ser consideradas recursos idôneos que os movimentos sociais podem utilizar para mobilizar e organizar a proposta e, a um nível mais profundo ainda, converter-se no fundamento de uma redefinição de uma situação. Como mensageiros e veículos de tradição, a música e a arte transmitem imagens e símbolos que provocam emoção, alentam a interpretação e podem se converter no suporte que faça possível a ação, incluída a que se define estritamente como ação política.

A música no MST tem sua história junto com o surgimento do Movimento, influenciada principalmente pela mediação da igreja católica, quando na utilização de elementos artísticos nos momentos da mística. A mística é herança da relação do Movimento com as Comunidades Eclesiais de Base (CEB's), sendo que a mística do MST deve ser compreendida como resultado de um processo histórico conflituoso, onde a forma de compreender elementos como a fé e a política são ressignificados. Surgem novas formas de se viver a fé, assim como novas relações entre a instituição religiosa e a política (CALDART, 2004; PIANA, 2001).

A mística do MST carrega, então, expressões do campo da arte, como o teatro, a poesia e, principalmente, a música. A música está sempre presente nas místicas e “ocupa um lugar central, muitas vezes estabelecendo a relação entre os símbolos e os gestos, dando-lhes um sentido próprio” (PIANA, 2001, p.57). Desta forma, o MST investe significativamente em uma produção musical própria com CD's como: *Arte em Movimento* (1998), com 19 músicas e 1 poema; *Plantando Cirandas* (2000), com 22 músicas; *Cantares da Educação do Campo* (2006), com 16 músicas e um livro onde constam 77 letras de músicas do Movimento (MST, 1996).

De acordo com Bogo (2002), a música dentro do Movimento ganhou uma “super” dimensão na medida em que acompanha todos os passos que o MST realiza. Segundo este autor, a música é o elemento iniciador de todos os encontros e é também um elemento conscientizador. No entanto, ele relata ser necessário adequar as músicas aos momentos e estabelecer os temas de acordo com a

---

7 Tradução livre para o português.

realidade dos sujeitos, pois a música está presente, também, nos assentamentos, acampamentos, congressos, reuniões, etc.

Compreendemos que a música é uma linguagem psicossocial que media relações entre sujeitos e contextos, constituindo-se como um signo. Para Bakhtin (1992), os signos estão sempre carregados de sentidos ideológicos, não são fixos e imutáveis, mas variam de acordo com o contexto enunciativo. Para Vigotski (1992), os sujeitos se constituem nas relações semioticamente mediados, ou seja, por meio dos signos, o que possibilita aos sujeitos processos de significação. Nesta perspectiva, a música media as relações no cotidiano do MST, pois ela possibilita aos sujeitos a produção de sentidos, os quais constituem este movimento social enquanto coletividade e, singularmente, cada sujeito sem-terra.

Segundo Maheirie (2001), a música é uma forma de expressão dos sujeitos, ao mesmo tempo, singular e coletiva, tendo de ser compreendida para além de seu fenômeno sonoro, pois é uma linguagem afetivo-reflexiva que envolve um processo de reflexão que só é possível por meio da afetividade, sendo que a afetividade em relação à música se faz possível devido a determinado processo reflexivo. A música é, então, um campo aberto de possibilidades de identificação que passa não somente pelo reflexivo, mas pelo afetivo. O significado da música pode ser tanto singular quanto coletivo, produto de um contexto sócio-cultural interiorizado pelos sujeitos, por meio dos processos de subjetivação/objetivação.

Ou seja, a música no cotidiano do MST possibilita a criação e o fortalecimento de identidades, pois nos movimentos sociais as músicas surgem como expressão na “construção de raízes” e desta forma, mais do que um elemento expressivo, a música é um elemento construtor de identidades (Menezes Bastos, 1993). Assim, “carregadas de significações coletivas, as músicas provocam experiências emocionais intensas que são vividas no singular como respostas àquilo que não se consegue, somente pela linguagem escrita, expressar com propriedade (MAHEIRIE, 2008, p. 80 e 81)”.

Segundo Frith (1987)<sup>8</sup>, a experiência musical produz identificações entre sujeito e realidade, pois ao se apropriar de uma

8 Versão do texto de Simon Frith (1987) traduzido por Inês Alfano.

canção, as pessoas são levadas a fazer alianças afetivas e emocionais. A “música é especialmente importante para este processo de identificação em função de algo específico à experiência musical, que é a sua intensidade emocional direta” (*idem*, p. 5). Para Vigotski (1998) a música é uma “técnica social do sentimento, um instrumento da sociedade através do qual incorpora ao ciclo da vida social os aspectos mais íntimos e pessoais do nosso ser” (p.315).

Questionada sobre o que significa a música para ela, Irma<sup>9</sup>, uma militante sem-terra, nos conta que:

A música é uma coisa assim que, que ela te arrepia sempre, por que é uma forma de tu cantar a tua situação, de tu falar da tua situação em forma de música né? Quer dizer, eu quando canto aquele canto que a gente cantou ali, tu lembra da história, é uma coisa que, eu não sei nem explicar, mas assim ela te promove uma emoção grande assim né? (Irma).

A fala de Irma nos aproxima dessa noção de como a música afeta os sujeitos psicofisicamente e como ela possibilita a ressignificação de acontecimentos vividos no passado e, também, dá sentido aos momentos vivenciados no presente. A música aparece nesta fala como uma mediadora na ativação da memória, da objetivação da subjetividade, promovendo novas formas de sentir e de reafirmar sua condição social.

O que significa para um sem-terra poder cantar a sua situação? Ver a sua condição de vida musicada e cantada por diversas pessoas em uma ocupação, por exemplo?

“As pessoas choram, às vezes, porque assim, a gente canta Classe Roceira, ela te faz passar um filme na tua cabeça, então, não é só cantar o momento, tu se lembra das assembléias, tu se lembra do passado, né?” (Irma)

A afetividade é condição para o sujeito atuar em movimentos e se constituir num sujeito político (SAWAIA, 1999). Não basta conhecer sua situação para encontrar forças na direção de sua mudança. É

---

9 A utilização dos nomes dos entrevistados, aqui expostos, foram autorizados por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

preciso ser tocado, afetado por tal condição e a música, no MST, se constitui como uma mediadora neste processo, pois ela se objetiva no corpo, possibilita a seleção de pensamentos e, também, excita a imaginação. Neste processo, a luta ganha um sentido coletivo, onde os companheiros desta luta aparecem como fazendo parte de uma totalização identitária – o NÓS – que surgem para cada um como aquele que lhe leva rumo ao projeto. São dimensões que se unificam e se processam por meio da afetividade e que dão sentido à música para o sujeito (MAHEIRIE, 2003), ou seja, possibilitam processos de identificação.

Segundo Lucas (1995, p.17) “é preciso reconhecer que o poder simbólico-afetivo dos códigos musicais na construção de identidades, sejam elas baseadas na nacionalidade, etnia, gênero, idade ou classe social, coloca a música em posição de destaque como elemento de reflexão sobre as transformações sócio-culturais”. No entanto, Frith (1987) alerta que a música não é revolucionária nem reacionária por si só, ou seja, ela não define automaticamente as ações e pensamentos, pois cada sujeito pode refratá-la e produzir sentidos outros.

A partir da função da música como produtora de identidades, sua mediação se dá exatamente na medida em que “é preciso manter a tensão entre dois sentidos contidos na identidade – o de permanência e o de transformação, entendendo-os como pares dialéticos no processo de identificação em curso, através do qual um modo de ser e de se relacionar, repõe-se, abrindo-se ao outro” (SAWAIA, 1999, p.24).

Nesta perspectiva, o processo de identificação não passa somente pelo que é igual ao sujeito que se identifica na relação com o outro, mas também aquilo que o diferencia. Além do que, a identidade é um constante vir a ser, não é algo cristalizado no sujeito, mas relacional e aberta à alteridade.

No caso do MST, há a possibilidade dos sujeitos se identificarem com o Movimento por meio de suas músicas, pois elas “são feitas a partir de experiências concretas, de algo que “tocou” o artista num momento coletivo, de luta, de protesto, que pode ser uma ocupação, um momento de estudo, uma manifestação coletiva, ou ainda um acontecimento do cotidiano. A música, desta forma, vai contar a história e fazer a memória da experiência vivida” (PIANA, 2001, p.48).

Em nossa pesquisa nos deparamos com a criação musical feita por um casal sem-terra que compôs uma música a partir de suas experiências na ocupação de uma fazenda. Esta música foi criada por Juliano e Neli há 25 anos.

25 de maio nós fizemos o que devia  
No que essa noite linda nenhum de nós dormia  
O nosso motorista era o santo dos guias  
Um dava sinal para o outro que era por aqui que ía  
O povo dentro da lona eles vinham bem quietinho  
Ninguém precisa saber do destino que eles vinham  
Nós sabia que a luta não tinha facilidade  
Por isso saímos firme pra não dar a mancada  
Quando foi de madrugada perto de clarear o dia  
Cuidei o mensageiro que até nós não conhecia  
E os tal de pistolero que vieram atrapalhar  
Fizeram fogo na ponte que tivemos que apagar  
Depois que passamos a ponte demos grito de vitória  
Por isso saiu a história que muitos sabem contar  
Passamos duas semanas naquela tribulação  
Governo e Comissão faziam a negociação  
O povo lá do barraco fazia a sua oração  
Pra que tudo desse certo entre Governo e Comissão  
Nosso estado deu um balanço Santa Catarina viu  
O valor do povo unido numa luta juvenil  
Já contei a minha história que é para o povo lembrar  
Reforma Agrária na terra e nunca mais vai parar

As músicas que mediam o cotidiano no MST, a exemplo desta, são produzidas em sua maioria a partir da realidade vivida pelos sem-terra e pelo MST. Aqui é possível apontar outra função mediadora, a partir do conteúdo de suas letras, as quais se constituem em discurso ideológico denunciando episódios e apontando para o futuro.

Desta forma, elas podem mobilizar os sujeitos para a luta na medida em que falam do cotidiano de sujeitos sem-terra e cantam “a necessidade de ter um pedaço de chão pra dar sustento aos filhos”, falam de gente cansada “de pôr a enxada nas terras apenas do patrão e ver chegar o fim do ano, tantos desenganos sem nenhum

tostão”<sup>10</sup>. Falam da reforma agrária dizendo que “do papel não vai sair” e “pra colher o nosso pão vamos ter que nos unir, companheiro e companheira, vitória vai ser ligeira, se todos se organizarem”<sup>11</sup>. “Quando chegar na terra, não está completa a tua liberdade, este é o primeiro passo que damos na busca de outra sociedade, só a terra não liberta, este é o alerta da necessidade, aumentar a produção para a alimentação, do campo e da cidade”<sup>12</sup>.

Para Ide, militante sem-terra entrevistado no Acampamento Irmã Jandira, as músicas no MST, “têm a finalidade de mostrar cantando a vida social, a vida de quase todo mundo né? E dentro da música que fala dos lamentos, da pessoa que vive naquilo, se é pobre ou vive na miséria, ele vai as vezes até o fim né? Não sei se eu estou me expondo, mas eu vejo assim, a música fala do nosso cotidiano né? Então é uma coisa que ela fala daquilo que vive as pessoas”.

Neste sentido, as músicas no MST ganham dimensão de política, quando não só unificam os sentimentos, mas também estabelecem os passos a serem dados (BOGO, 2002, p.123). Ela pretende denunciar e prescrever, ela conta fatos do cotidiano, aponta para a reflexão e a necessidade da luta continuar.

Porém, Vigotski (1998) traz uma contribuição importante no entendimento do processo de identificação, dizendo que apesar da arte possuir efeitos complexos e diversos, ela “nunca gera de si mesma uma ação prática” (p.314), pois “mesmo trazendo um ‘sentido’ em si mesma, que pode ser identificado na objetividade de suas letras, nenhuma canção traz um significado ‘a priori’, marcado na sua interioridade e imposto aos sujeitos que escutam” (MAHEIRIE, 2002, p.51). Isto porque o universo humano é necessariamente simbólico e sempre marcado por mediações semióticas, onde palavras e símbolos são essencialmente polissêmicos. Assim, o efeito da música é imensuravelmente sutil, complexo e se produz

10 Trechos da música: Causa Nobre (Zé Pinto, Sem-Terra: As músicas do MST, 1996, p.30).

11 Trechos da música: Descobrimos lá na Base (Zé Pinto, Sem-Terra: As músicas do MST, 1996, p.41).

12 Trechos da música: Quando chegar na Terra (Zé Pinto, Sem-Terra: As músicas do MST, 1996, p.27).

através de abalos e deformações subterrâneas no posicionamento dos sujeitos (VIGOTSKI, 1998).

A música, por si mesma e de forma imediata, está mais isolada do nosso comportamento cotidiano, não nos leva diretamente a nada mas cria tão-somente uma necessidade imensa e vaga de agir, abre caminho e dá livre acesso a forças que mais profundamente subjazem em nós, age como um terremoto, desnudando novas camadas [...] a arte é antes uma orientação para o futuro, uma exigência que talvez nunca venha a concretizar-se, mas que nos leva a aspirar acima da nossa vida o que está por trás dela (VIGOTSKI, 1998, p.320).

A música no MST produz diferentes sentidos, pois é experienciada de forma singular, apesar de o Movimento ter a intenção de, por meio da música, provocar os sujeitos a pensar e a agir. Bogo (2002) diz que a arte no MST tem o papel de interpretar a realidade e, ao mesmo tempo, de “destapar” o que não aparece desta realidade, mas o autor admite as impossibilidades de realizações imediatas, como a produção de uma “consciência social e política” a partir da arte. O autor acredita, no entanto, que ela pode alimentar a utopia de realizações futuras e projetar o mundo que o Movimento deseja.

Compreendemos que a música no MST media a constituição dos sujeitos sem-terra e tece processos de identificação coletiva e, deste modo, as músicas utilizadas no cotidiano do MST, são objetivações político-artísticas, pois expressam e compõem a luta deste movimento social, na medida em que, como nos disse Dirceu em sua entrevista: “a música é fundamental pra luta, ela faz a luta ser mais completa. A luta sem a música não seria completa”.

Seu lugar de mediadora se caracteriza precisamente no seu paradoxo: ela fala “com os olhos” e se constitui no pensamento do coração (VIGOTSKI, 1998). Não obstante, ela se faz o elo entre a ética e a estética, entre a política e afeto, entre a denúncia e o projeto, entre o individual e o coletivo, entre a igualdade e a diferença, se fazendo uma inteligibilidade que aponta para o estético na construção da identidade coletiva.



## Considerações finais

Contemporaneamente vivemos múltiplas formas de opressão e desigualdades sociais que expostas ou camufladas, circulam nas relações cotidianas produzindo injustiça social, desrespeitos, humilhações e tantas outras mazelas. Neste sentido, as formas de resistência e de luta dos movimentos sociais também são diversificadas, procurando atingir todas as faces da opressão, seja contra adversários globais ou específicos. O MST, neste caso, é um movimento social que tem como foco a reforma agrária, porém seu objetivo maior é a construção de uma sociedade socialista. Por isso, incorporam em suas ações, lutas que são específicas, mas necessárias para transformar o cotidiano das relações, em busca da sociedade que desejam.

Para Eyerman (1998), objetivadas em canções, as lutas e utopias dos movimentos sociais podem ser revitalizadas e, desta forma, podem contribuir para a manutenção das ações coletivas e do próprio movimento social. A música é, neste sentido, uma prática política e cultural dos movimentos sociais que tem a capacidade de mediar diversas atividades e ações dos movimentos. No caso do MST fica evidente sua importância, pois ela se faz presente desde as ocupações, até os momentos de comemoração, criando significados para o Movimento e possibilidades de identificação.

As canções utilizadas no contexto deste movimento social possibilitam, por meio da apropriação de suas letras, a manutenção dos valores, idéias e projetos do MST, podem produzir sentimentos de coletividade, união e engajamento político, sendo utilizada como uma estratégia de atuação do MST. Por outro lado, mesmo como instrumento ideológico, a música é uma invenção momentânea de novas estratégias de engajamento político. Neste sentido, a música afeta o Movimento no campo político, ético e estético.

Desta forma pode-se dizer que a música é um dos elementos mediadores na constituição da identidade coletiva do MST, pois é um ritual (Eyerman, 1998) onde os sujeitos entram em contato com uma linguagem que pode os tocar de forma afetiva e reflexiva. Por fim, é possível dizer que a música pode proporcionar, por meio desta

experiência, processos de identificação com o Movimento, com os semelhantes que estão na luta, como também, com aqueles que os diferenciam enquanto sujeitos de uma dada realidade social.

Recebido em: 11.2.2010

Aprovado em: 13.8.2010

## Referências

ANCA – Associação Nacional de Cooperação Agrícola. **Sem-terra: as músicas do MST**. São Paulo: Editora Peres, 1996.

BAKHTIN, M.M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem**. São Paulo: HUCITEC, 1992.

BOGO, A. **O vigor da Mística**. Cadernos de Cultura nº 2, MST, 2002.

CALDART, R. S. **Pedagogia do Movimento Sem Terra**. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

EYERMAN, R. La praxis cultural de los movimientos sociales. *In*: GÜELL, P. I. & TEJERINA, B. (Org.) **Colección Estructuras y Procesos**. Serie Ciências Sociales. Madri: Trotta, 1998.

FRITH, S. Towards an aesthetic of popular music. *In*: McLARY, S & LEPPERT, R. (Org.) **Music and Society: the politics of composition, performance and reception**. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

GROFF, A.R. **A mediação da música no MST: um estudo em contextos e eventos coletivos em Santa Catarina**. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

LUCAS, M.E. **Etnomusicologia e globalização da cultura: notas para uma epistemologia da música no plural**. Pauta, v. 9/10, p.16-21, 1994/1995.

MACHADO, J.A.S. Ativismo em rede e conexões identitárias: novas perspectivas para os movimentos sociais. **Sociologias**, Porto Alegre, n. 18, p. 245-285, jul/dez, 2007.

MAHEIRIE, K. Contribuições da Psicologia Social na análise dos movimentos sociais. *In*: CAMINO, L.; LHULLIER, L. & SANDOVAL, S. (Org.) **Estudos sobre comportamento político**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1997.

\_\_\_\_\_. “**Sete mares numa Ilha**”: a mediação do trabalho acústico na construção da identidade coletiva. Tese (Doutorado em Psicologia Social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2001.

\_\_\_\_\_. Música popular, estilo estético e identidade coletiva. **Revista Psicologia Política**, v. 2, n. 3, p. 39-54, 2002.

\_\_\_\_\_. Identidade: o processo de exclusão/inclusão na ambiguidade dos movimentos sociais. In: ZANELLA, A.V. (et al.) (org.). **Psicologia e práticas sociais**. Porto Alegre: ABRAPSOSUL, 2003.

\_\_\_\_\_. Psicologia Social e música: estabelecendo diálogos e apontamentos possíveis. In BONAMIGO, Irme Salete, TONDIN, Celso F. e BRUXEL, Karin (orgs). **As práticas da psicologia social com (o) movimentos de resistência e criação**. Porto Alegre: Abrapso Sul, 2008.

MENEZES BASTOS, R. A. “origem do samba” como invenção do Brasil (Por que as canções têm música?). **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, n. 31, ano 11, p. 156-177, 1996.

MENEZES BASTOS, R. J. Esboço de uma antropologia da música: para além de uma antropologia sem música e de uma musicologia sem homem. In **Anuário Antropológico**. Departamento de Antropologia do Instituto de Ciências Humanas da UnB. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1993.

MORISSAWA, M. **A História da luta pela terra e o MST**. São Paulo: Expressão Popular, 2001.

PIANA, M. **A Música-Movimento: estratégias e significados da produção musical do MST**. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política). Universidade Federal de Santa Catarina, 2001.

PRADO, M.A.M & LARA, N.J. A mística e a construção da identidade política entre os participantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra no Brasil: um enfoque psicossociológico. **Revista Virtual de Psicologia Política**, n. 4, dez. 2003. Acessado em 07 de junho de 2008, de [http://www.psicopol.unsl.edu.ar/dic03\\_not1.htm](http://www.psicopol.unsl.edu.ar/dic03_not1.htm).

SANTOS, B.S. **Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade**. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 1995.

SANTOS, B.S. Los nuevos movimientos sociales. **Revista del Observatorio Social de América Latina/OSAL**, n. 5, p. 177-188, 2001.

SAWAIA, B.B. Comunidade como ética e estética da existência: uma reflexão mediada pelo conceito de identidade. *PSYQUE*, v. 8, n. 1, p. 19-25, 1999.

SCHERER-WARREN, I. Movimentos Sociais Rurais no mundo globalizado: o caso do MST. *Cadernos de Pesquisa*, n. 24, p. 31-44, 2000.

\_\_\_\_\_. Das mobilizações às redes de movimentos sociais. *Sociedade e Estado*. Brasília, v. 21, n. 1, p. 109-130, 2006.

\_\_\_\_\_. Redes de movimentos sociais na América Latina: caminhos para uma política emancipatória? *Cadernos CRH*, v.21, n.54, p. 505-517, 2008.

STRAPAZZON, J.P.L. *E o verbo se fez terra: Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (SC) - 1980-1990*. Chapecó: Grifos, 1997.

TOURAINÉ, A. Na Fronteira dos movimentos sociais. Traduzido por Ana Liési Thurler. *Sociedade e Estado*. Brasília, v 21, n. 1, p. 17-28, 2006.

VENDRAMINI, C.R. Pesquisa e Movimentos Sociais. *Educação & Sociedade*, v. 28, n. 101, p. 1395-1409, 2007.

VIGOTSKI, L.S. Pensamiento y Palabra. *In: Obras Escogidas II*. Madri: Visor Distribuciones, 1992.

\_\_\_\_\_. Arte e Vida. *In: Psicologia da Arte*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

## Abstract

### **Music in the construction of collective identity within the MST (Movement of Landless Workers)**

This article discusses some theoretical perspective on social movements, providing an approach to the Movement of Landless Workers (MST) and reflecting on the question of collective identity as a necessary condition for both the emergence and maintenance of a social movement. Specifically, it looks at MST music as one of the elements mediating the formation of the movement's collective identity. This discussion enables us to emphasize how the experience of the MST members, as mediated by music, can stimulate processes of identification with the movement, with peers whom are engaged in the same struggle, yet also with those who are different from them as subjects of a given social and political reality.

**Keywords:** Movement of Landless Workers (MST), music, collective identity.